

O sal da terra: reflexões sobre o engajamento institucional^[1]

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca^[2]

RESUMO: Este trabalho pretende explorar o conceito do quarto eixo na psicanálise, analisando sua importância no engajamento institucional dos estudantes e profissionais da área, seja em instituições de abordagem psicanalítica oficiais ou não oficiais. Também traz apontamentos sobre os recentes desafios desse eixo no que se refere às atividades psicanalíticas realizadas na modalidade on-line ou híbrida.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, quarto eixo, engajamento institucional, formação analítica, grupo de trabalho

1. Trabalho apresentado na II Jornada do Estudante de Psicologia: “Diálogos com a psicanálise”, organizada pelo Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (CEEPU) em outubro de 2025.

2. Psicanalista e psicóloga. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia e Região (NPU).

Um mais um é sempre mais que dois

Inspirei-me na canção de Beto Guedes (1981), “O sal da terra”, para a escolha do título original deste trabalho, “Um mais um é sempre mais que dois”, apresentado na II Jornada do Estudante de Psicologia do CEEPU.^[3] A expressão que dá nome à música tem raízes bíblicas antigas: “Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, como que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens” (*Bíblia Sagrada*, 2001, Mateus 5:13). A metáfora abarca a possibilidade de sermos o sal da terra no sentido de buscarmos contribuir para a sociedade, de sermos capazes de transformar o mundo. E em meio a essa ideia, quando assisti ao documentário sobre a vida e obra do fotógrafo mineiro Sebastião Salgado – intitulado *O sal da terra* (Wenders & Salgado, 2014) –, fiquei imaginado o porquê de o artista ter escolhido justamente esse dentre tantos títulos possíveis.

Ao observarmos o homem e seu cotidiano, nos depararemos com o fato de o ser humano se constituir como um ser individual e, ao mesmo tempo, social. Desde o nascimento, estamos, de alguma forma, circunscritos em ambientes institucionais, seja no âmbito da família, da escola, do trabalho etc., e, gradativamente, somos expostos a uma complexidade maior de inserção social.

O mundo se transformou nos últimos anos de forma vertiginosa, não sendo diferente com as instituições psicanalíticas. Elas também sofreram abalos que vêm convocando as pessoas envolvidas com a psicanálise a contribuir com suas apreensões e impressões. Considero necessário nos aproximarmos desses fenômenos, conduzindo nosso olhar para elementos dessa nova dinâmica. Em comum, temos a mesma profissão, ou a mesma futura profissão. Isso, por si só, justificaria a importância de nos abriremos para ponderações sobre o assunto. Neste trabalho, abarcarei conteúdos que incluem não apenas reflexões institucionais psicanalíticas no âmbito pós-pandemia, mas um pensar amplo sobre como cada um de nós, estudantes ou profissionais da área, tem lidado com o engajamento nas instituições.

Como sabemos, a formação da identidade de um psicoterapeuta de base psicanalítica ou de um analista com a formação oficial pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA) é árdua, contínua e desafiadora. Cláudio Laks Eizirik, na aula inaugural do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre sobre o assunto, disse

3. O projeto Jornada do Estudante nasceu da necessidade de levarmos noções da psicanálise para os estudantes, em virtude da observação sobre o incremento de distorções significativas na teoria e na prática psicanalítica nas universidades. A palavra “jornada”, sob a perspectiva das mitologias comparadas, de acordo com Joseph Campbell (1949/1997), se refere à “jornada do herói”, também conhecida como monomito, compreendida como uma estrutura narrativa que descreve a trajetória de um indivíduo que abandona sua zona de conforto, enfrenta obstáculos, encontra aliados e inimigos, passa por provações e transformações, e retorna com novas perspectivas e sabedoria, seja para si mesmo, seja para sua comunidade. Um padrão narrativo universal que descreve o percurso de um personagem em busca do autoconhecimento. O nome Jornada do Estudante, portanto, retrata a condição infinita de aprendizagem que nos habita e insiste em se renovar, deflagrando o fato de sermos eternos aprendizes.

A identidade psicanalítica, portanto, precisa ser cultivada, desenvolvida e protegida. Por isso, não existem formações analíticas breves, não existem falsificações que resistam... Por isso, as análises precisam ser longas, seguidas por reanálises e uma permanente autoanálise. Por isso, o estudo, o convívio institucional, as supervisões nunca terminam. (comunicação verbal, 10 de março 2025)

Essa formação pode ocorrer em diferentes formatos, etapas, níveis e vias. Seria no mínimo uma postura arrogante da nossa parte considerar que a única forma de produzir trabalho teórico e técnico de qualidade em psicanálise estaria circunscrita apenas às instituições da IPA. Ademais, observamos há tempos um contínuo diálogo respeitoso e fértil entre diferentes instituições acadêmicas, psicanalíticas oficiais e as demais.

A escolha de realizar parte da formação psicanalítica em determinada instituição, seja ela filiada à IPA ou apenas inspirada nos seus pressupostos, é algo de foro íntimo, envolvendo prós e contras, como qualquer outra escolha na vida. No meu entendimento, tudo que realizamos envolvendo estudos psicanalíticos, análise pessoal, supervisão, atividades profissionais, pesquisa, grupos de estudo, palestras e trabalho clínico em psicanálise nos leva em direção à construção da nossa identidade profissional psicanalítica, sejam esses investimentos profissionais realizados em uma instituição ou por caminhos não institucionais. No entanto, destacarei pontos que vale a pena considerar ao falarmos sobre o que denominamos o quarto eixo da formação de um psicólogo clínico, psicoterapeuta e/ou psicanalista. Acredito que muitos estudantes e profissionais da área não conhecem esse conceito, o que dificulta, assim, que desenvolvam a consciência sobre a importância e os benefícios disso em sua vida profissional, pessoal e social.

O que seria o quarto eixo? A fim de nos aproximarmos de certa compreensão sobre esse conceito, discorreremos, brevemente, sobre o conceito de tripé da psicanálise. Podemos atribuir a Freud (1913/1996) essa concepção. Nos seus trabalhos metapsicológicos de 1912-1913, ele recomendou três atividades ao profissional interessado em exercer a profissão de psicanalista: a análise pessoal, a supervisão e o estudo teórico da psicanálise. Porém, a formalização do termo “tripé” e seus fundamentos foram estabelecidos pela IPA apenas entre 1925 e 1933. Muito tempo após as clássicas recomendações freudianas, o conceito de quarto eixo – ou “quarto tripé”, como tem sido apelidado – foi acrescentado, oficialmente, na formação analítica, mais especificamente por volta dos anos 2000 (Sandler, 2001). Em suma, esse conceito representa as vivências dentro e a partir da instituição, com todos os intercâmbios científicos, associativos e subjetivos advindos dessa experiência, incluindo fenômenos que dizem respeito aos agrupamentos analíticos. Com a ideia do quarto eixo, ampliamos o olhar e a escuta para os fenômenos que transcendem a esfera individual e são engendrados ou potencializados pelo pertencimento a algum grupo.

Em 2014, o então presidente da IPA, Stefano Bolognini, deu ênfase ao quarto eixo. Até escreveu uma carta aos psicanalistas pontuando que a capacidade de trabalhar

conjuntamente com colegas, participando de atividades científicas e da vida institucional, teria uma função construtiva permanente na identidade psicanalítica.^[4] Vejamos o pensamento de outros autores da área sobre esse tema:

Ambrosiano (2005) acredita que as teorias e os valores que animam um grupo institucional agem como uma referência interna para o analista, tendo um papel estruturante em sua identidade, mesmo que o profissional não perceba. Baranger e Garbarino (1961/1994) afirmaram que nenhuma análise daria conta de processos patológicos de grupo, sugerindo, assim, que o desenvolvimento advindo das vivências grupais não seria acessível por outra via senão por meio dessas experiências. Os estudos psicanalíticos sobre funcionamento grupal vêm de longa data, de Freud a Bion e outros autores contemporâneos. Freud (1921/1996) chegou mesmo a afirmar que o ser humano é um ser gregário, tendo como necessidade básica o convívio grupal.

O quarto eixo pode vir a ser analisado em qualquer um desses contextos (oficial ou não), exceto se opte por não pertencer a nenhuma instituição. Esse último caso abarcaria as pessoas que decidiram realizar suas atividades profissionais em diferentes instituições, não ingressando em uma específica. Essa decisão, a meu ver, esbarra em questões amplas, relacionadas à concepção e consciência de cada pessoa quanto à relação entre o cidadão e o coletivo, no percurso profissional e na vida.

Um ponto importante a mencionar é que a criação da IPA em 1910, durante o 2º Congresso Internacional em Nuremberg, teve essa motivação. Sua fundação, realizada por Freud e colaboradores, ocorreu quando Freud tomou consciência de que suas teorias apenas sobreviveriam se estivessem sob a guarda de uma instituição. Podemos pensar esse ato como um ato de amor? Entregar o filho ao mundo para que ele possa sobreviver além do seu tempo? Como conjectura imaginativa, podemos pensar como teria sido a história da psicanálise caso Freud não tivesse lutado para agrupar as pessoas com o intuito de estimular o diálogo, para estudar e praticar a psicanálise. Na minha opinião, acredito que não teríamos um bom desfecho, pois, mesmo com todo o cuidado que as instituições psicanalíticas vêm dedicando à psicanálise, percebemos tentativas contundentes de distorções, atalhos, resistências, discordâncias políticas e tantas outras manifestações que abalaram e continuam a abalar a credibilidade da psicanálise.

Por outro lado, a ideia do quarto eixo nos convoca a nos aproximarmos do mal-estar frequentemente presente na convivência dentro dos grupos psicanalíticos. Considero esses sentimentos ambivalentes como um dos principais causadores de possíveis desinteresses de alguns estudantes e/ou profissionais por se engajar no trabalho institucional. Alguns autores têm se dedicado ao estudo do assunto, levantando hipóteses sobre as possíveis causas desses sentimentos incômodos, como a possibilidade de que formar um vínculo com alguma instituição promoveria a noção da presença do outro, sendo, portanto, natural certa resistência inicial ao trabalho institucional, justamente por envolver a assimilação do alheio – do estranho (Freud, 1919/1996). Algo

4. Ver também Bolognini (2008, 2009).

na aproximação entre as pessoas assustaria por implicar, por começar a abrigar como seu, um problema que anteriormente era considerado pertencente apenas ao outro.

Também podemos considerar tópicos relativos às angústias edípicas reativadas nas interações grupais: rivalidades, sentimentos de exclusão, preferências, sentimentos de inferioridade etc. Carlos Augusto Calil, em entrevista à *Revista Brasileira de Psicanálise* (“Carlos Augusto Calil...”, 2009), aponta como fundamental examinarmos o DNA institucional, observando como esses elementos evoluem ao longo do tempo, como reagem com o meio e com a realidade. A transmissão e difusão da psicanálise figura como algo complexo. Ela é constituída, basicamente, dos três pilares citados anteriormente. Esses três eixos são abertos ao infinito, como a “obra aberta” de Umberto Eco (1962/2007), sem tempo para findar. Podemos, inclusive, pensar ser esse um dos principais propósitos da existência das instituições psicanalíticas, ser um lugar onde os fundamentos e os conhecimentos da psicanálise possam ser transmitidos de forma séria e contínua. Poderíamos nos perguntar: mas seria possível realizar os três pilares de forma individual, sem pertencer a uma instituição? De certa forma, sim. Assim como uma criança pode vir a adquirir conhecimentos sem frequentar a escola. No entanto, seria importante nos aprofundarmos em hipóteses dos fundamentos e dos desdobramentos dessa escolha.

O primeiro ponto a considerar seria um possível desejo presente em certas pessoas de se sentirem “livres” na escolha de como caminhar esse percurso de formação. Aqui, a meu ver, se fazem necessários alguns esclarecimentos. Um dos pontos seria ressaltar que o pertencimento a uma instituição psicanalítica não oficial não impediria a pessoa de realizar os três pilares de forma própria, escolhendo fazer esses investimentos sem um critério pré-estabelecido único, com variações quanto ao ritmo, à dedicação, ao envolvimento, ao interesse, à curiosidade etc. O que é diferente de quando ingressamos nas instituições oficiais, em que há, de fato, um formato específico, longo e cuidadoso, com o intuito de acompanhar mais de perto o candidato no vir a tornar-se psicanalista. Nas demais existem certas normas, porém menos estruturadas. De semelhante ocorre que, ao ingressar em qualquer instituição psicanalítica, são colocadas referências nesses pilares com o intuito de apresentar a complexidade real da profissão e da mente, a fim de zelar pelas condições mínimas de trabalho.

Temos conhecimento de que as instituições, a duras penas, sempre buscaram organizar diferentes formas de acesso ao conhecimento com qualidade. Elas se empenham em fornecer conteúdos psicanalíticos com consistência, realizar interlocuções com outras áreas do conhecimento afins, disponibilizar oportunidades de evolução de seus membros através da gradativa execução de tarefas, gerar modelos de observação, possibilitar convívio e trocas entre os profissionais, promover eventos que ajudem a levar o método psicanalítico para a comunidade local, entre outras funções. Ou seja, a motivação para vir a pertencer a uma instituição psicanalítica não estaria circunscrita apenas à transmissão de conteúdo.

O segundo aspecto a destacar é que análise pessoal, supervisão, seminários, cursos e palestras são atividades efetuadas de forma contínua pelo profissional mais maduro psicologicamente, independentemente de estar sob vigilância ou estimulação de uma instituição. Essas práticas são realizadas pela consciência adquirida a respeito da complexidade da mente e da profissão. Porém, as coisas nem sempre transcorrem dessa forma. Ao longo dos anos de pertencimento a várias instituições, percebemos que resistência, aspectos da lei do menor esforço, imaturidade psíquica, dificuldades de lidar com o diferente e, ainda, limitações na capacidade de gerar intimidade consigo mesmo e na conscientização da complexidade do psiquismo, dificuldades de ordem financeira, grau de funcionamento com predominância narcísica e muitos outros fatores podem fazer com que parte dos profissionais se descuide dos três pilares, cabendo, nesses casos, à instituição a função de guardião dessas condições mínimas. O que observamos é que esses cuidados, muitas vezes, são mal interpretados, considerados rigidez ou imposição, abalando o desejo de pertencimento a qualquer instituição. Haveria uma espécie de sensação claustrofóbica, no sentido de certas pessoas se sentirem usurpadas de suas supostas “liberdades”.

Dinâmica institucional: a família como metáfora

Irei valer-me do modelo da família e sua dinâmica relacional para ilustrar as dificuldades dos estudantes e profissionais de psicologia de se envolverem com o quarto eixo, relacionando esse fato com os níveis de maturidade do nosso psiquismo. Utilizarei os conceitos bionianos (1961/1975) de grupo de trabalho, social-ismo e narcisismo, e kleinianos (1934/1996) de objeto parcial e total como ferramentas de auxílio na compreensão desses fenômenos institucionais.

Historicamente, uma das principais funções da família está relacionada à perpetuação da espécie, sendo uma forma de o indivíduo lançar um olhar para o futuro, na tentativa de minimizar as angústias da finitude. Como sabemos, as influências transgeracionais normalmente vêm acompanhadas de heranças de diferentes ordens: genéticas, materiais, culturais e/ou afetivas. A dinâmica da passagem de conhecimento, valores e afetos no seio familiar vai sendo realizada, em nível consciente e inconsciente, por meio do convívio, pressupondo dedicação de tempo e trocas íntimas de diferentes naturezas. Essas vivências ocorrem com variações de composição entre os casais e entre pais e filhos. É usual observarmos níveis variáveis de maturidade psíquica nos grupos familiares, bem como diferentes níveis de maturidade psíquica entre os componentes de uma mesma família. Esse aspecto interfere, diretamente e/ou indiretamente, em como cada pessoa se envolve e exerce funções.

Em um casal, por exemplo, as diferenças de funcionamento mental podem ser evidentes, especialmente no que tange ao envolvimento e à divisão de funções no trabalho em casa e com os filhos. Quando ocorre de um dos pais assumir um volume maior de responsabilidades, é usual se sentir sobrecarregado e “injustiçado”. Sentimentos de raiva podem ir se avolumando, assim como insatisfações, especialmente

quando esses aspectos não puderem ser elucidados entre o casal. É curioso destacar que, ao longo do tempo, encontramos um notório nível crescente de desenvolvimento no integrante do casal que segue se envolvendo e realizando mais atividades. Ou seja, participar de tarefas ou realizá-las promove um crescimento diferenciado, representando uma oportunidade sutil de crescimento psíquico, que à primeira vista pareceria desfavorável. Dessa forma, o desnível de desenvolvimento psíquico/emocional entre o casal pode ir aumentando e vir a desencadear, após algum tempo, um abismo relacional.

Por outro lado, observamos que, quando todos os membros conseguem cooperar entre si, caminhando lado a lado em direção a uma vivência menos narcísica, incluindo nas ações cotidianas um olhar para o bem-estar coletivo, a família passa a funcionar como um “grupo de trabalho” (Bion, 1961/1975), no sentido de se unir em prol de um objetivo comum. O conceito de grupo de trabalho para Bion se fundamenta na observação da capacidade de determinado grupo se voltar para atividades combinadas entre seus membros de forma cooperativa e consciente, com um objetivo comum, se valendo do esforço e do desejo de todos os componentes para realizar a tarefa proposta da melhor forma possível. Essa vivência normalmente apresenta uma marca única, capaz de possibilitar aprendizados alimentadores a todos os componentes da família.

Na fábula musical *Os saltimbancos*, do compositor Chico Buarque (1977), tem uma frase que ilustraria bem essa ideia: “todos juntos somos fortes”. O fato é que, independentemente do gênero e da idade, cada membro da família ou de uma instituição possui competências, habilidades e/ou talentos. É possível, ao desenvolverem a condição empática, que realizem funções variáveis de acordo com suas capacidades e seu momento de desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. Em muitos momentos desse convívio, uma espécie de rodízio de funções costuma se fazer necessária, nos lembrando a corrida de obstáculos com bastão em que todos participam.

Em uma instituição psicanalítica, temos um cenário similar. As relações ocorrem em vários níveis. Entre os pares, percebemos o quanto se faz necessário esse mesmo rodízio e participação, numa espécie de orquestra em que todos oferecem suas personalidades. Oferecem aquela condição, tão peculiar, de se envolver de forma despreziosa.

Explorando mais essa metáfora, estenderei o olhar para a dinâmica entre pais e filhos. É sabido que o nível de doação pesa mais sobre os pais quando os filhos são bebês, crianças e adolescentes. É um processo natural, pois, nessas fases da vida, o ser humano de fato possui limitações concretas. É de se presumir que, com a passagem do tempo e a maturidade, os filhos se desenvolvam, diminuindo o nível de dependência e aumentando o de cooperação. É importante destacar a possibilidade de desenvolvimento também no âmbito do pensar, em que os filhos vão aprendendo a “pensar” não apenas em si mesmos, mas no outro. Seria o nascimento da capacidade de realizar ações que possam visar ao coletivo em família. Essa condição deve

e precisa ser ensinada e estimulada pelos pais, pois assim os filhos poderão realizar a transição de uma forma de se relacionar mais passiva/receptiva para uma forma ativa/doadora.

Voltando o nosso olhar para as instituições psicanalíticas, a capacidade de se interessar por universos que não o seu próprio requer do indivíduo maturidade mental, pois envolve a condição de se vincular. Requer expansão mental. Diz respeito a se importar com o outro, a entender a dinâmica circular da vida. Compreender que um mais um é sempre mais que dois. Que somos, todos, seres dependentes. Compreender que fazer uma tarefa em conjunto, por mais difícil que ela possa ser, a torna mais tolerável.

Sentir-se acompanhado por alguém e conseguir fazer companhia faz toda a diferença na vida. Figura como um alimento nutritivo capaz de nos fazer sentir bem conosco e com a nossa consciência. Há um valor enorme em compartilhar o que sabemos. O conhecimento não nos pertence! Pertence a quem ainda está para recebê-lo. Além disso, quando uma família funciona como um grupo de trabalho, o que costuma ocorrer é aquisição da força e da coragem de chamar para si responsabilidades maiores. Então, podemos nos perguntar: ganhamos ou perdemos quando disponibilizamos nosso tempo, parte da nossa vida, para funções além do nosso próprio referencial, que envolvam o coletivo?

No consultório, acompanho pacientes que não se envolvem com a rotina de suas famílias. Não se interessam em saber sobre o trabalho dos pais, dos irmãos. Não querem colaborar. Não percebem quando os pais estão tristes. Não “gastam” seu precioso tempo com nada além de si próprios. Nem ao menos pensam em como minimizar o cansaço dos pais. Eles querem, apenas, receber. Ou melhor, receber e criticar. Estão sempre insatisfeitos. Colocam-se numa postura passiva. A culpa de suas angústias é dos pais. E o mais preocupante é que, quando se envolvem com algo referente à família, esse interesse vem acompanhado por segundas intenções, normalmente de ordem financeira ou algo similar, revelando não haver desejo genuíno pelo outro. Essa forma de funcionamento faz com que, em muitos casos, esses pacientes, normalmente jovens, acabem por idealizar outras famílias, passando a considerar desprezível a sua própria família. Ficam desejosos de ter nascido em outro contexto, pois acreditam haver, em algum lugar, a família ideal.

Os conceitos de objeto parcial e objeto total (Klein, 1934/1996) podem vir a nos auxiliar na compreensão dessa dinâmica mental complexa e nociva. O objeto parcial é, em primeiro lugar, um objeto emocional, possuindo uma função antes de uma existência material. A pessoa buscaria se relacionar visando a algum objetivo – ou, podemos dizer, fazendo um uso do objeto. A capacidade de se relacionar com uma pessoa como um objeto total pode vir a ser desenvolvida gradualmente. No entanto, enquanto os objetos (pessoas) ainda forem sentidos como separados em bons e maus, a capacidade da pessoa de reunir as partes desse objeto em algo mais integrado e realizar a fusão em um só objeto, suportando a mistura de sentimentos e

intenções dentro de si, ficaria impedida. Na relação de objeto parcial haveria dificuldade em abrir mão dos pais idealizados e do paraíso infantil, e justamente esse aspecto figuraria como o responsável pela dificuldade de estabelecer contato com a família real, dotada de defeitos e, ao mesmo tempo, de aspectos bons e amorosos – objeto total. Esses pacientes não percebem que o fato de não se envolverem incrementa as dificuldades da família, e que o resultado favorável da vida conjunta dependeria também do envolvimento deles.

E o que seria uma família? E o que é uma instituição, senão a somatória de seus membros? Ou seja, a família e a instituição, na verdade, não existem a priori. Sua existência está condicionada à existência e à participação de cada uma das pessoas pertencentes a ela.

Lembro-me de uma experiência na adolescência ocorrida comigo e uma amiga. Ela passava o dia na minha casa. Parecia desejar fazer parte da minha família. Vivia a minha vida como se fosse sua realidade. Nunca falava sobre a própria família. Evitava que fôssemos na sua casa. Extremamente disponível. Investia seus interesses, energia e curiosidade em algo que não lhe era próprio. Eu estranhava aquele comportamento. Um dia, ela me disse que tinha vergonha da sua família. Não estranhei, pois sentia algo no ar nessa direção. Após alguns anos, quando comecei a cursar psicologia, indiquei terapia para ela, não me lembro por qual motivo. Foi bonito acompanhar o processo de transformação dessa amiga. Ela começou a se afastar de mim, no bom sentido. Percebi, claramente, um retorno doloroso, porém fundamental, para sua família e para sua realidade. Hoje compreendo melhor essa desafiadora dinâmica. Lembrou-me o romance do escritor americano Julien Green, *Se eu fosse você* (1947/1995), em que o personagem principal, Fabien, também insatisfeito com sua vida, realiza um pacto que lhe confere o poder de experimentar outros corpos e outras vidas. Diferente do ocorrido com minha amiga, porém, o personagem teve um desfecho trágico: sua morte. Um desfecho possível e mais frequente do que imaginamos.

Esse modelo que utilizei teve o intuito de enfatizar os níveis de consciência que podemos ter ou não quando estamos inseridos em algum contexto grupal. Qualquer grupo e instituição certamente enfrenta e enfrentará desafios. Não existe a instituição ideal. A instituição ideal é a nossa, a real, a que temos. A nossa família institucional!

Uma canção: aproximações sobre o engajamento institucional

A canção que intitula este texto foi composta em meados da década de 1980. Seu nome se refere à necessidade de dar um novo sentido para o mundo. Essa canção surgiu após décadas de desenvolvimento industrial e urbano, e suas consequências. Havia uma significativa preocupação com a questão ambiental. Fico pensando como as manifestações artísticas são visionárias...

Escutar é algo essencial. Certas pessoas são capazes de escutar sons baixos e sutis. Outras apenas escutam sons quando estrondosos e, infelizmente, em muitos desses casos, quando é tarde demais para ações preventivas. Na catástrofe ambiental

de 2025 no estado do Rio Grande do Sul, deflagrou-se algo dessa natureza. Havia pequenos indícios, probabilidades de acidentes geográficos. As autoridades foram alertadas. Porém, em virtude de diversos fatores, ouviram, mas não foram capazes de escutar. O resultado dessa suposta surdez coletiva: perdemos vidas, perdemos história, perdemos energia, perdemos tempo, perdemos recursos financeiros e quase perdemos a esperança.

Quais alertas não estamos podendo escutar sobre a importância do engajamento institucional? Alertar não é impor. Não tem por objetivo julgar. Alertar sobre os riscos de omissão pode ser considerado um ato de amor.

A canção “O sal da terra” alerta para a urgência da necessidade de cuidarmos do planeta, mas a letra pode nos remeter à temática do engajamento institucional. Vejamos alguns trechos:^[5]

Anda . . .

Falo desse chão da nossa casa [nossas instituições]

Vem que tá na hora de arrumar

Tempo!

Quero viver mais duzentos anos [que a psicanálise perdue]

Quero não ferir meu semelhante [social-ismo]

Nem por isso quero me ferir [narcisismo]

Vamos precisar de todo mundo

. . .

Para construir a vida nova

Vamos precisar de muito amor

A felicidade mora ao lado [valorizar o que é nosso, sem idealizações]

. . .

Um mais um é sempre mais que dois

Para melhor juntar as nossas forças

É só repartir melhor o pão

Recriar o paraíso agora [ações reais]

Para merecer quem vem depois

(Guedes, 1981)

Não é à toa que me inspirei nessa canção. Além da mensagem de força e fertilidade do coletivo, temos também a presença do compromisso com o futuro. Com o cuidar de algo não apenas para usufruto próprio, mas também com o intuito de

5. As palavras e expressões entre colchetes no corpo da letra da música são possíveis interpretações metafóricas de sentidos psicanalíticos.

deixar algo melhor para as futuras gerações – “para merecer quem vem depois”. Seria a possibilidade de funcionarmos predominantemente pelo viés do social-ismo, e menos do narcisismo.

Para Bion (1961/1975), esses dois conceitos são inseparáveis, sendo considerados tendências humanas. Eles tentam abarcar uma operação conjunta de, na realidade, quatro variáveis com contrapartes teóricas: narcisismo, social-ismo, instintos de vida e instintos de morte. Quando há tendência ao narcisismo, impera uma constelação subjacente: os instintos de vida serão dirigidos ao ego e, simultaneamente, os instintos de morte serão direcionados para o grupo. Complementarmente e de modo inverso, quando se tende ao social-ismo, os instintos de morte se dirigirão para o ego, enquanto os instintos de vida para o grupo. No entanto, pode ocorrer o uso do mecanismo de defesa de clivagem, desencadeando como consequência o predomínio de uma ou de outra tendência.

Precisamos cuidar das nossas instituições psicanalíticas, bem como do nosso planeta. Precisamos cuidar das universidades, das instituições das nossas cidades. Como tudo na vida, se não cuidarmos, as probabilidades serão altas de as coisas não sobreviverem. E o que seria esse cuidar? Qual o significado mais profundo dessa palavra? Onde estamos quando não participamos da nossa instituição? Em que momento de maturidade nos encontramos na relação institucional?

Gostaria de ressaltar ser quase unânime escutarmos dos recém-formados do curso de psicologia sobre a falta de base no estudo teórico e técnico de psicanálise nas universidades. Os depoimentos são enfáticos sobre a necessidade de haver uma formação paralela após a formatura. Ficam evidenciados os sentimentos de angústia dos futuros psicólogos e psicanalistas. O universo psíquico, com sua natureza complexa, agrava a situação, apontando para a importância de haver um lugar ao qual as pessoas da área possam ir e se sentir amparadas e estimuladas no estudo da psicanálise. A meu ver, esse sentimento de desamparo não se restringe apenas aos recém-formados. Em virtude da complexidade e da natureza do psiquismo, todos nós nos sentimos desamparados e podemos nos beneficiar, em maior ou menor grau, da possibilidade de realizar trocas íntimas e contínuas dentro de uma instituição séria com abordagem psicanalítica.

Santo de casa faz milagre, sim!

Um aspecto que vem se transformando com a oferta de cursos e profissionais on-line é que essa formação paralela, que era predominantemente realizada em instituições de cada cidade, se expandiu. O acesso a instituições psicanalíticas de outras cidades, que ocorria esporadicamente, vem ganhando força com a modalidade on-line. Cursos, análises, supervisões, grupos de estudo e aulas de psicanálise são oferecidas por várias pessoas, instituições e sociedades, ou estão disponíveis no YouTube e em outras plataformas virtuais. Então, o que pensarmos sobre essa nova realidade? Quais os aspectos positivos e os preocupantes? Será que não haverá mais função

ou necessidade de zelar por uma instituição na nossa própria cidade? Tempos atrás, uma pessoa me questionou: “mas o que eu ganho ao participar de uma instituição?”. E eu respondi: “o que você ganha só você mesma poderá saber, mas o que eu sei é que você teria muito a oferecer”.

Voltando à nossa análise: como a saúde financeira de uma instituição conseguirá se manter caso seus membros deixem de investir na própria instituição? Como seus membros irão realizar seus treinamentos em atividades para a comunidade científica? Como reinventar a dinâmica na instituição a fim de que sobreviva e se faça necessária? Como zelar pela saúde mental da própria cidade se não contribuirmos para fortalecer uma instituição onde se possa oferecer atividades psicanalíticas, intercâmbios com escolas e hospitais, e atividades abertas para a comunidade? São perguntas e questionamentos sem respostas prontas.

Antes de continuar a desenvolver este item, quero deixar claro que não vejo nenhum problema de realizar atividades em diferentes instituições. Eu mesma sempre me abasteci e continuo me abastecendo de profissionais e instituições de outras cidades, ouvindo podcasts, assistindo a palestras disponíveis em sites e plataformas. No entanto, sempre consegui realizar as atividades de outras instituições me mantendo participativa em cursos, grupos de estudo, cargos e funções nas instituições da minha cidade. O que desejo ressaltar é a importância de, a despeito das atividades que realizamos ou não em outras cidades e instituições, presencialmente ou on-line, podermos encontrar uma forma de cuidar e continuar envolvido com as nossas. Considero esses aspectos não excludentes. Pelo contrário, muitas vezes nos nutrimos e colhemos experiências em outras instituições para poder ajudar a nossa a crescer.

Voltemos à concepção de cuidar. No contexto institucional atual, como poderemos nos aproximar dessa palavra? A profissão de psicanalista, como sabemos, é solitária. Os estudos teóricos e técnicos se fazem continuamente necessários, bem como as trocas clínicas e a análise pessoal. Cada atividade que realizamos, seja voltada para o público da área psicológica ou para a comunidade, promove uma suavização desse sentimento de solidão. Determinadas trocas profissionais, mesmo que na modalidade on-line, conseguiram preservar um quantum da capacidade de alimentar as áreas sedentas de contato. Por outro lado, alguns colegas têm se manifestado sobre a vontade e a necessidade de retomar os encontros presenciais, com depoimentos na direção de certa saturação do on-line. Mas isso não é uma regra. Observamos profissionais que se sentem, a cada dia, mais identificados com as atividades virtuais. São escolhas individuais. Nossa reflexão diz respeito aos abalos gerados por essa realidade nova nas instituições e no envolvimento das pessoas com o quarto eixo. Temos muito o que pensar, pois, com a oferta de atividades on-line, as dificuldades mencionadas anteriormente quanto ao quarto eixo ganharam maiores proporções.

Nossas famílias, bem como nossas instituições, são repletas de aspectos bons e de defeitos. Ao conviver em grupo, conflitos ocorrem. Contabilizamos momentos marcantes, mas também ressentimentos e decepções. Não é fácil con-viver. Não é fácil

aceitar as diferenças. Tempos atrás, quando não havia tantas opções de atividade na modalidade on-line, as experiências de desencontro e frustrações nos convocavam a lidar com tais sentimentos, gerando, no meu entendimento, um enorme benefício. O ódio ao diferente, a raiva diante de regras ou normas, situações de desencontro de ideias, todas essas vivências requeriam de nossas mentes esforços homéricos a fim de metabolizá-las. Não tínhamos escolha, pois era quase a única opção, especialmente em relação aos estudos psicanalíticos.

Agora é diferente, temos opções. Caso decidamos ficar numa instituição, na nossa casa, isso será movido por outros propósitos, e não apenas pelo que ela poderá oferecer de conteúdo ou pela falta de alternativas. Esta é uma indagação importante: por que fazer parte de uma instituição? O que desejo destacar é que, ao falar da participação no quarto eixo, enfatizamos justamente um aspecto que vai além do que fazemos ou recebemos de uma instituição. Vai além das dificuldades relacionais. Estamos falando da expressão de algo amoroso. Algo que nutre cada um de nós e gera vitalidade. E só quem vivencia a participação institucional mais efetiva sabe o valor único dessa experiência e seus ganhos inestimáveis. Mesmo que participemos das atividades de outras cidades e instituições on-line, a depender do nível de consciência grupal em que nos encontremos, isso poderá não afetar nosso desejo de cuidar das nossas instituições.

Precisamos demonstrar, de forma mais contundente, para as pessoas que não estão conseguindo escutar ou ver os desdobramentos das nossas preocupações, a necessidade da corresponsabilidade de todos para a manutenção do vigor de uma instituição. Participar está muito além de apenas contribuir com a mensalidade. Quando a gente ama, a gente cuida. No entanto, como sabemos, para amar algo, precisamos desenvolver convívio com aquela pessoa ou coisa. Entrar nas entranhas daquela experiência emocional.

Lançarei um questionamento: até que ponto as idealizações com as instituições alheias, agora na modalidade on-line, não se dariam com duplos propósitos? Por um lado, por razões naturais (desejo de conhecer novos pensamentos e profissionais etc.) e, por outro, por dificuldades tais como as citadas anteriormente sobre o não envolvimento com o quarto eixo. Nesse último caso, a modalidade virtual pode figurar como uma forma de incrementar a não necessidade de se vincular a alguma instituição. Não precisar se submeter a regras incômodas. Isso se daria como uma alternativa de “ligação” volátil, na direção predominante de receber benefícios sem a contrapartida de construir, de precisar se doar em prol do fortalecimento da instituição.

Por fim, outra possibilidade a considerar estaria relacionada a sentimentos de raiva, decepção ou algo similar em relação às vivências institucionais da “casa” que não encontraram espaço interno de elaboração psíquica. Com a opção da modalidade on-line, esses sentimentos indigestos poderiam “ajudar” as pessoas a se afastar das suas “instituições-mãe”, numa espécie de grito de libertação, ou talvez, até mesmo, um grito de triunfo sobre os pais imperfeitos, acompanhado de sentimentos

de ressentimento por essas dores não elaboradas. Cabe a cada um se perguntar sobre essa possibilidade. No meu entendimento, é essencial que cada pessoa tente realizar os lutos da família/instituição ideal.

Considerações finais

Espero que os aspectos explorados no trabalho tenham aberto áreas reflexivas sobre a importância do quarto eixo. O primeiro é relativo ao alerta das consequências do envolvimento parcial, no sentido de ingressar ou realizar atividades em várias instituições sem conciliar com investimentos nas instituições da própria casa. E o segundo, relativo ao não envolvimento pleno em nenhuma instituição ao longo do processo do trabalho psicanalítico, realizando o que denominamos de “carreira solo”. Não restam dúvidas de que iniciativas individuais, tais como atender nossos pacientes e realizar palestras, supervisões ou cursos, configurariam um modo efetivo de contribuir com a saúde mental no nosso entorno. Porém, sabemos que algumas ações organizadas e realizadas de forma coletiva guardam um potencial de alcance maior. E o que isso tem a ver com participarmos, nos envolvermos com as instituições psicanalíticas das nossas cidades? E com o quarto eixo?

Tudo!

La sal de la tierra: reflexiones sobre el compromiso institucional

Resumen: Este trabajo pretende explorar el concepto del cuarto eje en el psicoanálisis, analizando su importancia en el compromiso institucional de los estudiantes y profesionales del área, ya sea en instituciones de enfoque psicoanalítico oficiales o no oficiales. También trae apuntes sobre los desafíos actuales de este eje en lo referente a las actividades psicoanalíticas realizadas en modalidad online o híbrida.

Palabras clave: psicoanálisis, cuarto eje, compromiso institucional, formación analítica, grupo de trabajo

The salt of the earth: reflections on institutional engagement

Abstract: This paper aims to explore the concept of the fourth axis in psychoanalysis, analyzing its role in fostering institutional engagement among students and professionals in the field, both within and outside formally recognized psychoanalytic institutions. It also discusses current challenges faced by this axis in relation to psychoanalytic activities conducted online or in hybrid formats.

Keywords: psychoanalysis, fourth axis, institutional engagement, analytic training, working group

Referências

- Ambrosiano, L. (2005). The analyst: his professional novel. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(6), 1611-1626. <https://doi.org/10.1516/BCGH-3GCJ-3EVX-B8KC>
- Baranger, W., & Garbarino, H. (1994). La enfermedad infantil del psicoanálisis. In W. Baranger, R. Z. Goldstein, & N. Goldstein (Orgs.), *Artesanías psicoanalíticas* (pp. 229-237). Kargieman. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. (2001). Mundo Cristão.
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bolognini, S. (2008). A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41(74), 197-215. <https://bit.ly/4qnYkAm>
- Bolognini, S. (2009). Algumas ideias a respeito da IPA 100 anos após a sua fundação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4), 147-150. <https://bit.ly/4jRNwrQ>
- Buarque, C. (1977). Todos juntos [Música]. In S. Carvalho & C. Buarque, *Os saltimbancos*. Phonogram.
- Campbell, J. (1997). *O herói de mil faces*. Cultrix. (Obra original publicada em 1949)
- Carlos Augusto Calil: entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4), 15-27. <https://bit.ly/4jO19bi>
- Eco, U. (2007). *Obra aberta*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1962)
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XIII. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)* (pp. 11-191). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XVII. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (pp. 275-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996). Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XVIII. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (pp. 77-154). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Green, J. (1995). *Se eu fosse você...*. Siciliano. (Trabalho original publicado em 1947)
- Guedes, B. (1981). O sal da terra [Música]. In *Contos da Lua Vaga*. EMI-Odeon.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco depressivos. In *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos 1921-1945* (pp. 301-329). Imago. (Trabalho original publicado em 1934)
- Sandler, P. C. (2001). O quarto pressuposto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(4), 907-934.
- Wenders, W., & Salgado, J. R. (Diretores). (2014). *The salt of the earth* [O sal da terra] [Filme]. Le Pacte.

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca

Endereço: Av. Nicomedes Alves dos Santos, 3600, sala 104, Morada da Colina. Uberlândia/MG.
 CEP: 38411-106
 Tel.: (34) 3236-3686
 E-mail: maruzza.cerchi@gmail.com

Artigo recebido em 11/11/2025
 Artigo aceito em 17/01/2026

Editora responsável pelo artigo: Cristiane Reberte de Marque